
O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção arqueológica urbana de emergência

EURICO DE SEPÚLVEDA*
MARISOL FERREIRA**
VANESSA DA MATA***

R E S U M O

Os autores apresentam o resultado do estudo efectuado sobre um conjunto do espólio cerâmico da Época Romana, recolhido num acompanhamento arqueológico no Alto de São Miguel, na cidade de Alcácer do Sal, aquando da realização de trabalhos de saneamento básico efectuados em 2007 e 2008. São alvo de análise fragmentos de *terra sigillata* de tipo itálico, da Gália do Sul e, pela primeira vez, referenciadas para esta cidade, produções precoces hispânicas ou de Tipo Peñaflor, assim como outras cerâmicas características do período que se estende desde a época Tardo-Republicana até aos meados/ finais do século II d.C.

A B S T R A C T

This paper concerns the study of several Roman ceramics found during the renewal of the sewage net system in the southeast top of the hill (Alto de São Miguel) of the town of Alcácer do Sal, in 2007 and 2008. Samian ware (*terra sigillata*), with origin in Italy, Gaul and in Hispania (the so called “*sigillata* precoce” or “Tipo Peñaflor” produced in the kilns of La Viña, Sevilla, Andalucia), were studied, as well as other ceramics that belong to the period between Late Republic and the middle of the 2nd century AD.

Entre os anos de 2007 e 2008 desenvolveu-se, no âmbito da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, um projecto de requalificação urbana que, para além de incluir arranjos paisagísticos na cidade, também previu a construção da respectiva ETAR e a renovação do seu saneamento básico.

Uma das primeiras áreas de intervenção foi o Alto de S. Miguel, situado junto a um dos acessos do Castelo de Alcácer do Sal (Fig. 1).

A abertura das valas foi apenas efectuada onde se situavam as antigas tubagens, sendo a zona afectada pelos trabalhos em causa muito restrita (60 a 80 cm de largura e 80 cm a 1 m de profundidade).



Fig. 1 Mapa da cidade de Alcácer do Sal, com indicação do Alto de São Miguel.

Grande parte da área intervencionada apresentou somente níveis de revolvimento, com materiais fora de qualquer contexto arqueológico, sem estruturas associadas, tendo sido identificadas peças bastante fragmentadas e de várias épocas cronológicas (Épocas Romana, Islâmica e Moderna/Contemporânea).

Os trabalhos foram efectuados pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em colaboração com elementos da empresa municipal EMSUAS.

A abertura das valas para o saneamento básico foi supervisionada por uma das signatárias (MF) e teve a duração de quatro dias. Recorde-se que este acompanhamento teve de ser efectuado na medida em que esta obra se encontrava inserida na Zona Especial de Protecção do Castelo de Alcácer do Sal (ZEP), tendo obtido a aprovação do IGESPAR.

Não obstante todas as restrições a que este acompanhamento arqueológico esteve sujeito, pensámos ser importante dar a conhecer mais um conjunto de materiais romanos que foram exumados numa área da cidade localizada bem perto do arqueossítio considerado como o possível *forum* de *Salacia*, que se encontra implantado junto ao adro da Igreja de Santa Maria do Castelo, também conhecida como Igreja Matriz (Fig. 2). Este adro tinha sido escavado, de forma alternada, nos anos de 1982, 1992 e 1993. As estruturas e espólio referente ao primeiro ano das intervenções foram estudados e publicados pelo nosso saudoso colega João Carlos Faria (1998).

Outro factor que pesou também na elaboração deste estudo foi aproximação do Alto de São Miguel ao “campo de intervenção arqueológico” do chamado Depósito de Água que, em 1976, foi escavado por uma equipa do Museu Arqueológico e Etnográfico do Distrito de Setúbal (MAEDS), com subsequente publicação de alguns materiais da Época Romana, tais como a cerâmica campaniense (Soares, 1978), a *terra sigillata* (Dias, 1978) e os vidros (Alarcão, 1978).

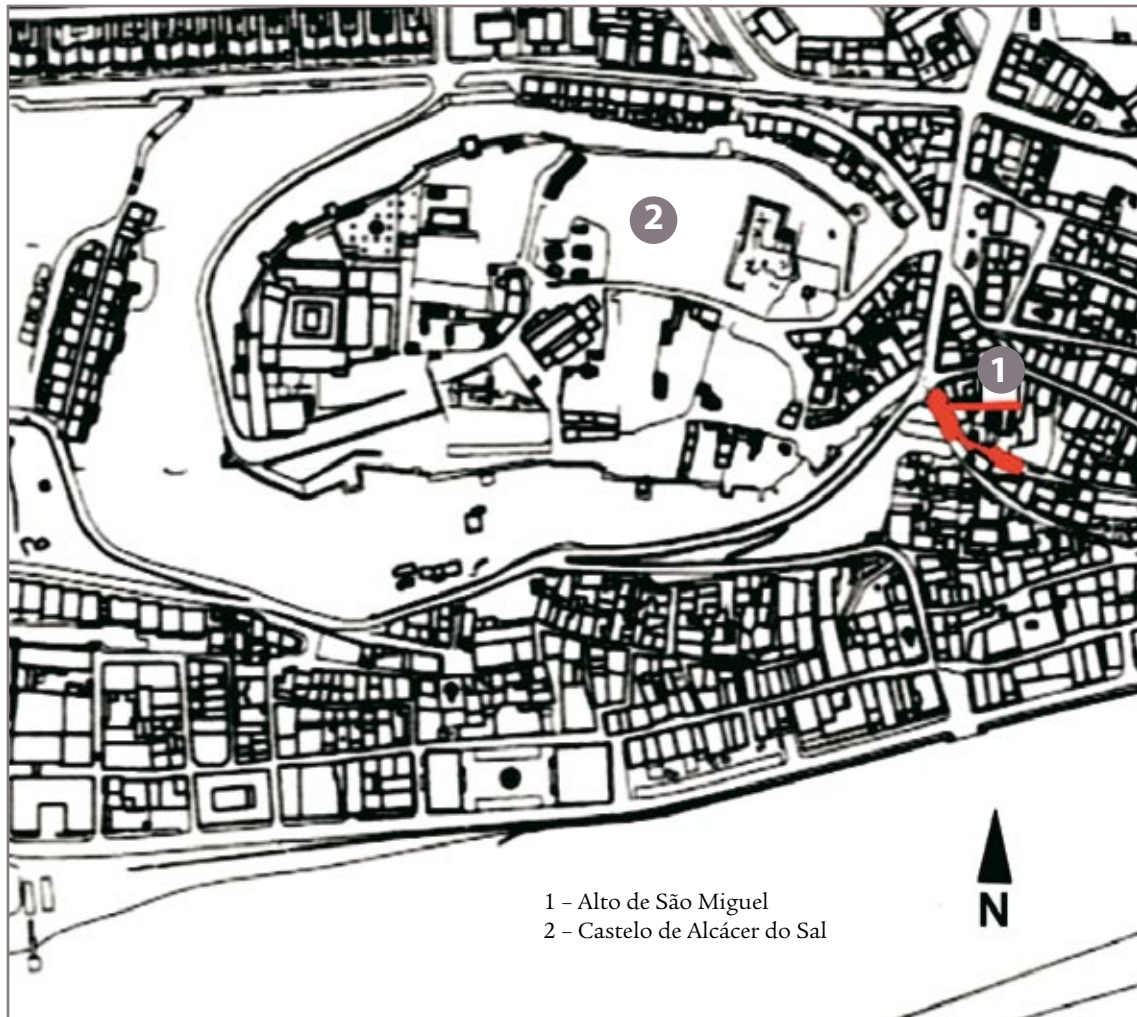


Fig. 2 Localização do Alto de São Miguel em relação ao Castelo.

Escolhemos, então, dentro do espólio obtido no Alto de São Miguel, todo o tipo de cerâmica que considerámos representativa do período da romanização, excluídas as cerâmicas ditas comuns e os grandes contentores cerâmicos: as ânforas e os *dolia*.

Mais uma vez, tivemos oportunidade de verificar as ausências de material vítreo, o que nos tem vindo a intrigar, à medida que avançamos os nossos estudos sobre Alcácer do Sal, assim como das importações de *terra sigillata* norte-africanas claras, que parecem não existir nas áreas mais altas da cidade durante os finais do século I e todo o II d.C., possivelmente, em detrimento de movimentações antrópicas mais “ribeirinhas” ocorridas nos séculos seguintes.

A afirmação que fizemos no parágrafo anterior conhece, no entanto, algumas excepções, como sejam os casos de um fragmento de base com arranque da parede de TSAf. Clara D, da forma Hayes 58, proveniente do *forum* (Faria, 1998, p. 192) com cronologia que abrange o século IV d.C. — devido às dimensões diminutas do fragmento, é de alertar para o facto de ele poder corresponder à variante Lamboglia 52B, que poderá atingir os meados do século VI (Bonifay, 2004, pp. 166-167) — e o de três pequenos fragmentos de fundos exumados no Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, em TSAf. Clara A, um, e em TSAf. Clara D, os outros dois (inéditos).

Seguidamente, iremos apresentar o estudo de cada tipo cerâmico, começando pela *terra sigillata*, que, com a cerâmica comum de origem bética, apresenta um maior número de fragmentos e, subsequentemente, de NMI, como se pode verificar pelos cálculos apresentados no Quadro 1, que foi elaborado a partir de um total de 91 fragmentos encontrados neste acompanhamento. Estes, depois de tratados em laboratório, resultaram em 61 NMI.

Tipo de Cerâmica	Fragmentos	%	NMI	%
Terra <i>sigillata</i>	32	35,17	26	42,63
CPF	6	6,59	6	9,84
Lucernas	6	6,59	5	8,19
Vermelho Pompeiano	6	6,59	3	4,92
Comum Bética	36	39,57	17	27,87
Imitação Campaniense	5	5,49	4	6,55
TOTAL	91	100,00	61	100,00

1. Terra sigillata

No Alto de São Miguel, foram recolhidos 32 fragmentos de *terra sigillata*, que permitiram colagem entre si, o que deu lugar, como se pode analisar no Quadro 1, a um total final de 30 fragmentos. Destes, apurámos um NMI de 26, que representam cerca de 90% do espólio referente a esta cerâmica.

O grupo é constituído, maioritariamente, por *terra sigillata* de tipo itálico, verificando-se, também, embora de um modo menos significativo, a presença de exemplares sudgálicos e hispânicos, mais precisamente das chamadas produções hispânicas precoces.

Quanto à classificação formal do total destes exemplares, verificou-se uma elevada percentagem (31%) de fragmentos de todo o conjunto que foram catalogados como indeterminados.

Verificou-se ainda uma abundância de variantes tipológicas, pelo que, excepto em relação a duas formas, a cada exemplar foi atribuída uma classificação distinta.

1.1 Terra sigillata de tipo itálico

O espólio de tipo itálico é constituído por 23 fragmentos, ou seja cerca de 77% do total do conjunto deste tipo de *sigillata*.

Na falta de peças decoradas, identificámos várias formas lisas, de pratos e de taças. No entanto, um dos pratos, de tipologia indeterminada, ostenta marca de oleiro de leitura completa, enquanto uma base (*Consp.* B 4.12) de uma pequena taça, dos tipos *Consp.* 22–25, tem, igualmente, uma marca em *planta pedis*, mas apenas de leitura provável, visto encontrar-se fracturada na metade inferior.

Em relação aos pratos, identificámos cinco fragmentos que se inserem nas tipologias do *Conspetus*, sob os n.ºs 11, 12¹, 19 (dois pratos) e 21.

Diacronicamente, correspondem, *grosso modo*, ao período compreendido entre 15 a.C. e Tibério, cronologias estas que nos são dadas pelo prato *Consp.* 11 (ASM 4/2009), Horizonte de Dangstetten 15–10/9 a.C. e pelo fragmento ASM 6/2009, que corresponde à forma *Consp.* 19.2, considerada por Kenrick como uma forma que “probably fall within the range late Augustan-Tiberian.” (Ettlinger, 1990, p. 84).

Quanto às taças, apurámos cinco formas que enquadram os seis fragmentos encontrados durante o acompanhamento das valas abertas para efectivação do novo sistema de saneamento do Alto de São Miguel.

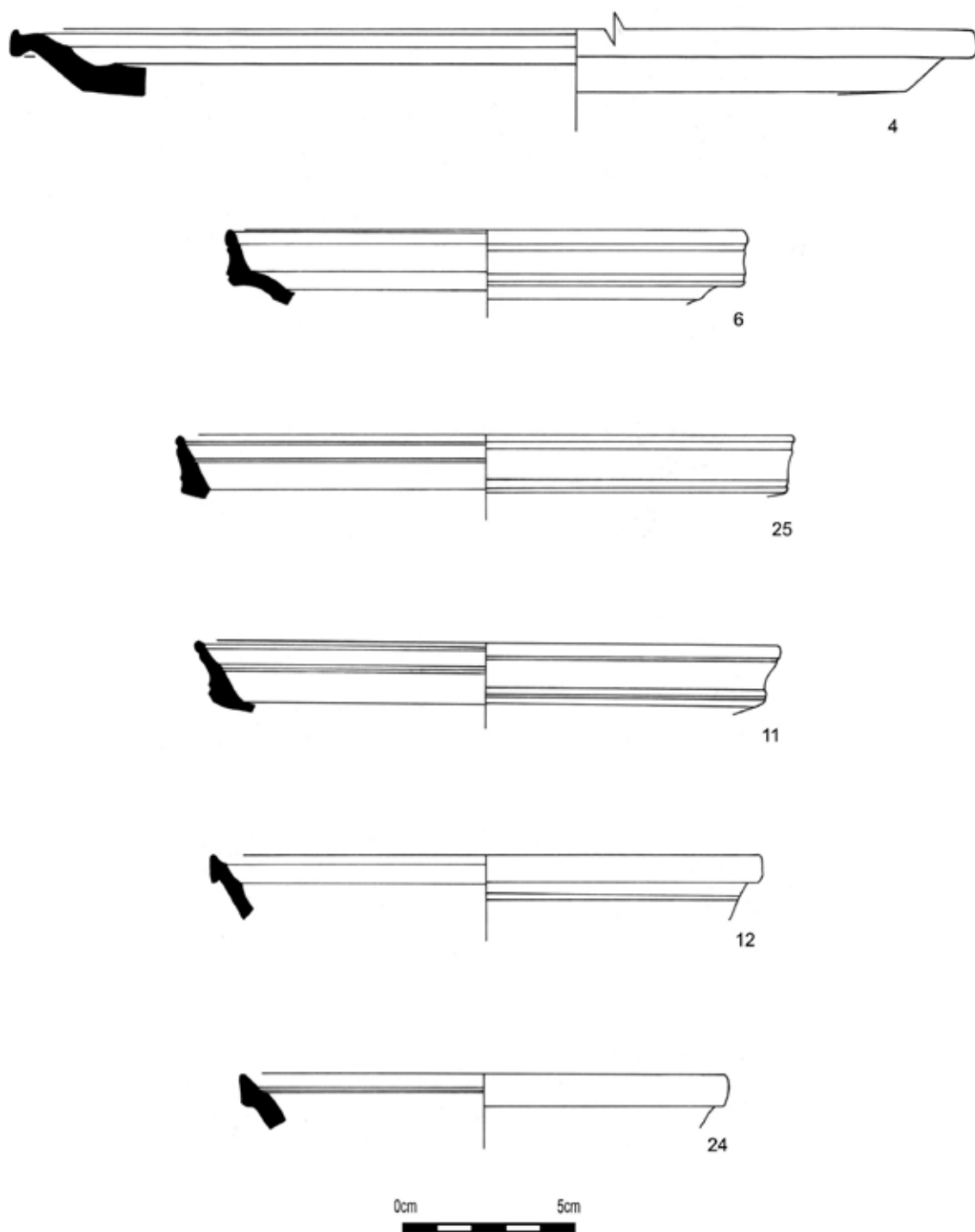
Tal como aconteceu com os pratos, temos dois indivíduos que são classificados tipologicamente dentro da mesma forma, *Consp.* 26. No entanto, em relação a um deles (ASM 20/2009), deparámo-nos com dificuldades acrescidas, pois surgiu-nos a dúvida de que, devido às características do fragmento², este, talvez pudesse ser inserido na forma 27.2.2. Os restantes 4 fragmentos são assimiláveis a taças dos tipos *Consp.* 14, 22, 33 e 38.

Os dados cronológicos que podemos obter através destes exemplares apontam para um intervalo temporal que se vai estender de Augusto, cronologia que nos é dada pela taça *Consp.* 14.1, presente em Dangstetten, Oberaden e Haltern (15 a.C.–9 d.C.), ao principado de Nero (*Consp.* 26.2 ou 27.2.2).

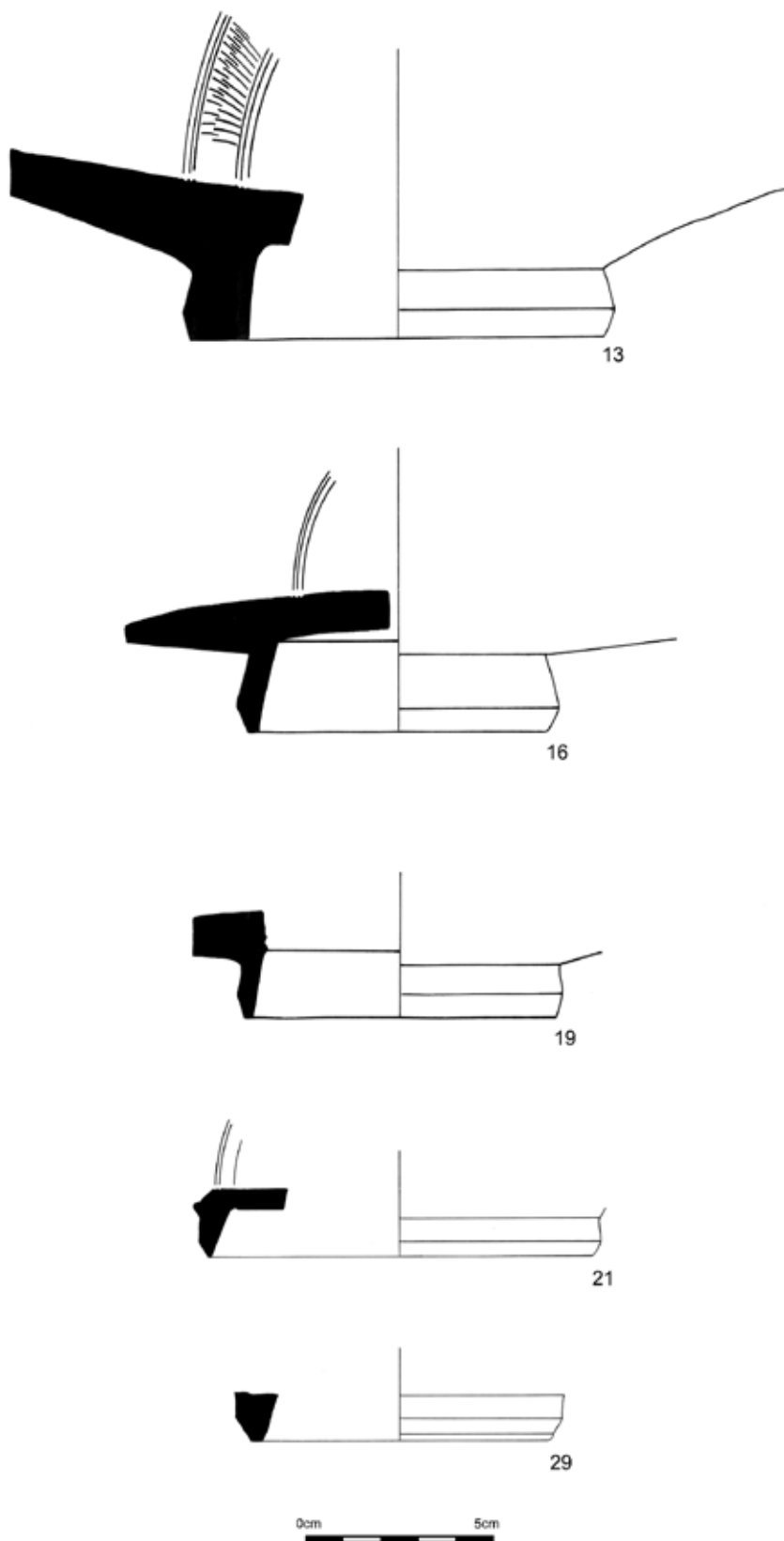
No espólio de *terra sigillata* de tipo itálico, foram ainda exumadas seis bases, às quais foram atribuídas as seguintes classificações: *Consp.* B 4.12 (acima referida por possuir marca de oleiro) e B 3.16, as quais correspondem a taças; B 1.5, B 2.5 (dois indivíduos) e B 6.3, que pertencem a pratos.

É também de salientar o facto de a peça com o número de inventário ASM 16/2009 apresentar, na zona em que está fragmentada, um quarto de círculo que nos dá a sensação de poder pertencer a um furo para a aplicação de um “gato” de chumbo, que teria como finalidade a reparação do prato.

Catálogo								
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média		
1/2009	Base, parede	Taça	15	–	32	2,5	50/100 d.C.	Base B.4.12 (taças <i>Consp.</i> 22–25) Marca de oleiro.
3/2009	Fundo	?	–	–	–	–	10 a.C.–10 d.C.	Marca de oleiro
4/2009	Bordo, parede	Prato	19	326	–	7	15–9 a.C.	<i>Consp.</i> 11.1.2
5/2009	Parede	Taça	27	–	–	4	Augusto/Tibério	Ø da canelura = 110 <i>Consp.</i> 33 c/ guilhocché
6/2009	Bordo, parede	Prato	22	150	–	4	Augusto/Tibério	<i>Consp.</i> 19.2
8/2009	Bordo, parede	Taça	37	89	–	3,5	1.ª ½ século I d.C.	<i>Consp.</i> 26.1.2
11/2009	Bordo, parede	Prato	21	170	–	3	Finais Augusto a 30 d.C.	<i>Consp.</i> 21.3.2 (?)
12/2009	Bordo, parede	Prato	19	160	–	4	Meados a finais de Augusto	<i>Consp.</i> 12.4
13/2009	Base, parede	Prato	34	–	110	9,5	Meados de Augusto	B 1.5 c/ guilhocché
14/2009	Fundo	Prato	–	–	–	–	?	Reduzidas dimensões
16/2009	Base, parede	Prato	19	–	80	4,5	Augusto/Tibério	B 2.5 Vários pratos Furo de gato?
18/2009	Bordo, parede	Taça	27	110	–	4	Augusto/Tibério	<i>Consp.</i> 38.3 1 c/ guilhocché
19/2009	Base, parede	Prato	17	–	83	7	Augusto/Tibério	B 2.5 c/ guilhocché
20/2009	Parede	Taça	27	–	–	5	Tibério/Nero	Ø na carena = 140 <i>Consp.</i> 26.2 ou 27.2.2
21/2009	Base, parede	Prato	19	–	101	5,5	Tibério/Cláudio	B 6.3 (?) <i>Consp.</i> 3.1 e 4.6 e 4.7
24/2009	Bordo, parede	Taça	17	140	–	6	15 a.C./9 a.C.	<i>Consp.</i> 14.1.5
25/2009	Bordo, parede	Prato	19	180	–	5	9 d.C./Tibério	<i>Consp.</i> 18.2.5
26/2009	Parede	?	–	–	–	–	?	Tipo Indeterminado
28/2009	Fundo	Prato	–	–	–	–	?	Tipo Indeterminado
29/2009	Base	Taça	12	–	80	–	?	B 3.16 Reduzidas Dimensões
30/2009	Bordo, parede	Taça	28	–	–	3,5	10 a.C./Finais de Tibério	<i>Consp.</i> 22.2.1



Estampa I *Terra sigillata* de tipo itálico – Pratos: ASM 4/2009, 6/2009, 25/2009, 11/2009, 12/2009. Taças ASM 24/2009.



Estampa III *Terra sigillata* de tipo itálico – Bases de prato: ASM 13/2009, 16/2009, 19/2009, 21/2009. Bases de taça: ASM 29/2009.

1.2 Terra sigillata da Gália do Sul

O conjunto da *terra sigillata* exumada no Alto de São Miguel com proveniência no Sul da Gália é constituído por seis exemplares, dos quais apenas três são passíveis de atribuição tipológica, enquanto a outra metade (correspondendo a uma parede, a um fundo e a uma base) não apresenta quaisquer traços que nos permitam arriscar qualquer filiação.

Quanto às peças de atribuição tipológica possível, começaremos por analisar o fragmento de base e arranque de parede ASM 2/2009, que deverá pertencer a uma pequena taça que, pela marca de oleiro que possui, nos leva a enquadrar no tipo de taças Drag. 27, não descartando a hipótese de a podermos considerar como uma Ritt. 5.

Por sua vez, o prato ASM 9/2009 é, sem dúvida, da forma Drag. 15/17. Tendo em conta as características que apresenta, nomeadamente a existência profícua de molduras externas, colocamo-lo dentro da fase de produção da *terra sigillata* de La Graufesenque anterior a Cláudio (Polak, 2000, p. 85).

Finalmente, o bordo com lábio pendente de perfil triangular de prato (ASM 23/2009), possivelmente de grandes dimensões, levantou-nos sérias dificuldades, pois a sua forma levar-nos-ia a indicar uma origem de tipo itálico, dado que se enquadraria perfeitamente na forma do prato *Consp.* 12.

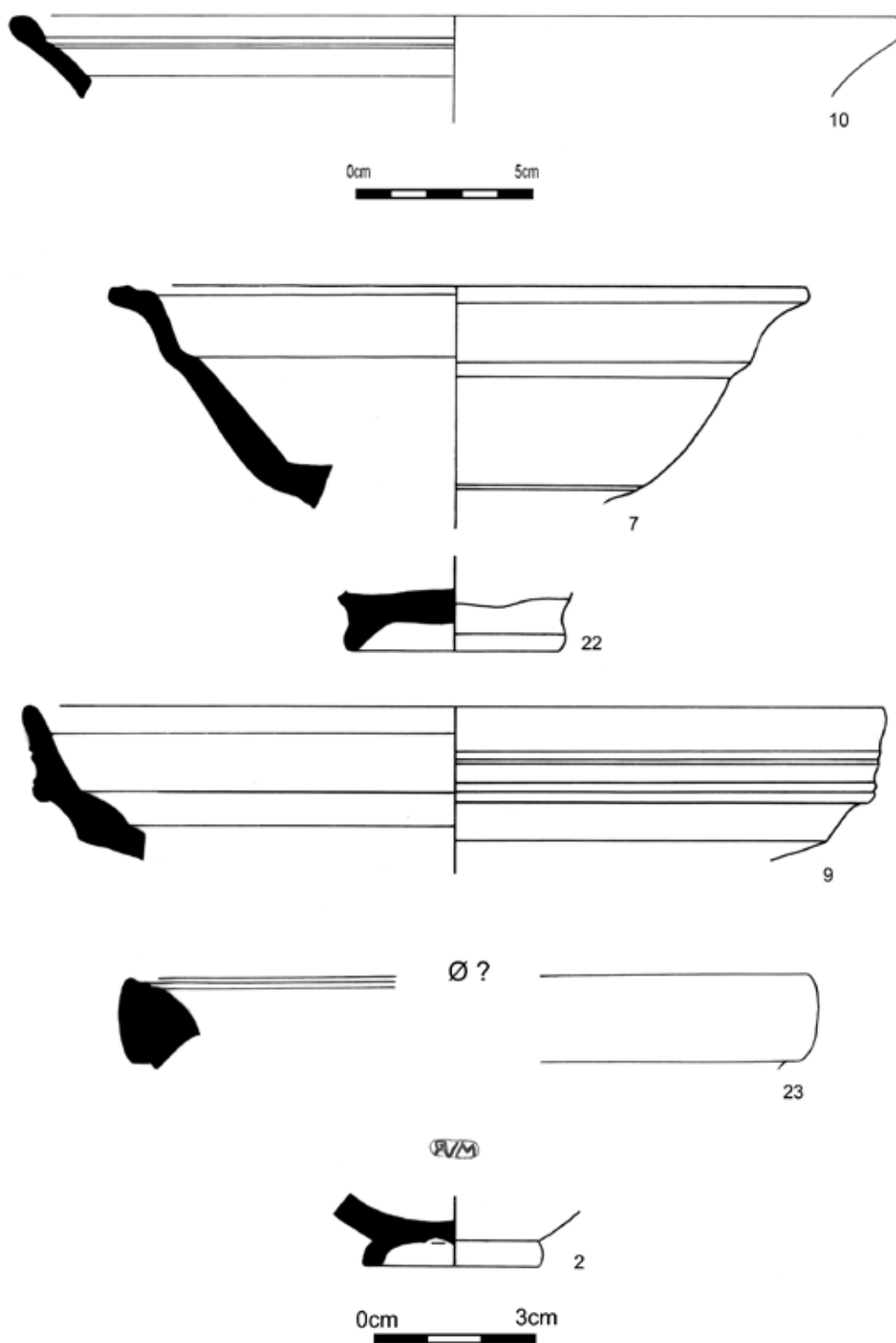
A análise binocular que efectuámos à sua pasta permitiu-nos concluir ser, na realidade, uma produção de *terra sigillata* da Gália, mais precisamente de La Murette, Lyon, pois que, além de ser uma pasta muito compacta, de fractura tendencialmente rectilínea e dura, apresentava como desengordurante calcite em quantidade, embora não muito abundante. Assim, relativamente à sua classificação tipológica, optámos por enquadrá-lo nos pratos de “grande tamanho” do Ensemble I, Serviço Ib, apontando como período da sua elaboração aquele que se reporta ao início da produção desta olaria, que devemos situar anteriormente a 15 a.C. “sans doute légèrement antérieur à celui de Dangstetten (Desbat & Genin, 1996, pp. 52, 112, est. 9, pratos 1–5).

Catálogo									
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média			
2/2009	Base, parede	Taça	13	–	32	4	Grauf.	30-50	Marca de oleiro Drag. 27 ou possível Ritt. 5
9/2009	Bordo, parede	Prato	29	158	–	6	Grauf.	Tibério/Cláudio	Drag. 15/17
15/2009	Fundo	Prato	?	–	–	–	Grauf.	Século I d.C.	Tipo indeterminado
17/2009	Base	Prato	17	–	–	–	Grauf.	Século I d.C.	Tipo indeterminado
23/2009	Bordo	Prato	–	?	–	13	La Murette	Meados/finais de Augusto	Lyon-La Murette Ensemble I pl 9,5
27/2009	Parede	?	–	–	–	–	Grauf.	Século I d.C.	Tipo indeterminado

1.3 Terra sigillata hispânica precoce, Tipo Peñaflor

O conjunto de *sigillata* hispânica é constituído apenas por três fragmentos, aos quais corresponderão o mesmo NMI.

Ao observarmos estes fragmentos verificámos, que dois deles correspondem a formas que eram típicas das produções de tipo itálico. A verificação deste facto levou-nos a que efectuássemos, então,



Estampa IV *Terra sigillata* hispânica precoce (tipo Peñaflor) – Prato: ASM 10/2009; Taças: ASM 7/2009, 22/2009.
Terra sigillata sudgálica (La Graufesenque) – Prato: 9/2009; Taça 2/2009; (La Muette) – Prato 23/2009.

uma observação atenta das respectivas pastas, tendo nós chegado à conclusão de que se trata de produções precoces de *terra sigillata* hispânica, igualmente designadas por *sigillata* do Tipo Peñafior.

Depois deste exame, que foi levado a cabo através de lupa binocular, podemos defini-las como pastas que possuem uma fractura geralmente irregular, com e.n.p. abundantes do tipo mica, quartzo, feldspato e óxidos de ferro, moderadamente duras, e cuja cor varia na gama dos ocres e dos vermelhos-amarelados.

Quanto aos engobes, podemos inseri-los nos descritos por Jérez Linde (2004, p. 163) para as peças de Tipo Peñafior pertencentes ao espólio das escavações da cidade de *Lacimurga*, em Cerro de Cogolludo (Badajoz), assim como das *villae* romanas de “La Tiesa”, de Torre Águila, do “Conde I”, Castillo de Guadajira, entre outras, e ainda das encontradas nas reservas do MNAR de Mérida.

No que respeita à forma, os três exemplares do Alto de São Miguel inserem-se perfeitamente nas tipologias de Martínez e de Keay (Amores & Keay, 1999) para *Celti*, que podem ser assimiláveis à do *Conspectus*.

O exemplar ASM 7/2009 consiste, pois, num fragmento composto por bordo, parede e arranque de fundo de uma taça de tipo Keay 14 (Martínez I c). Apresenta um engobe de tipo alaranjado, ligeiramente brilhante no interior, não se encontrando aplicado na parede exterior, salvo junto ao bordo.

A diacronia da produção destas peças é bastante extensa, ou seja, desde os inícios da Era, tendo-se prolongado até ao 3.º quartel do século I d.C., seguindo os modelos das formas de tipo itálico, como se deduz a partir da caracterização feita por Simon Keay (2000, p. 200) das fases 5–6d e 7a da ocupação da cidade³.

Foi identificado, também, um fragmento de bordo e parede (n.º de inv. ASM 10/2009) de grande prato, que possui caneluras na parede interior.

Quanto ao engobe, é totalmente diferente do da peça anterior, visto a cor ser de um vermelho-acastanhado com um brilho muito acentuado.

Trata-se, portanto, dentro da classificação tipológica de Keay, da forma 11 (que consideramos a mais aproximada) e que tem vários paralelos nas estações arqueológicas localizadas na província de Badajoz (Jérez Linde, 2004, est. 1–2, 4, 6, 9, 10, 12 e 13; est. 2–22).

Este prato terá como cronologia a que apresentámos para o fragmento anterior, isto é, durante toda a primeira metade do século I d.C., prolongando-se pelo 3.º quartel, momento álgido para o desenvolvimento desta produção (Jérez Linde, 2004, pp. 173, 174).

O último exemplar de *sigillata* de Tipo Peñafior corresponde a uma base de tamanho pequeno (ASM 22/2009), sem qualquer característica peculiar, motivo pelo qual, por consequência, não conseguimos atribuir uma classificação, embora nos pareça que se possa tratar de uma pequena taça, possivelmente de perfil troncocónico, se a compararmos com a taça da *villa* romana de “Pedro Franco”, Guadajira (Jérez Linde, 2004, p. 168, Lám. 2, n.º 17).

Catálogo								
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média		
7/2009	Bordo, parede	Taça	42	130	–	5	Século I d.C. Cláudio/Nero/Flávios	Keay 14/Martinez IB
10/2009	Bordo, parede	Prato	23	250	–	5	Século I d.C. Cláudio/Nero/Flávios	Keay 11/Martinez IIB (faz serviço com a forma anterior)
22/2009	Base	Taça	10	–	40	6	Século I d.C. Cláudio/Nero/Flávios	Pé anelar

1.4 Marcas de oleiro

A presença de marcas de oleiro em terra *sigillata* nos espólios de arqueossítios de ocupação romana constitui um importante indicativo cronológico para a datação das trocas comerciais entre os centros produtores e os respectivos centros consumidores, os quais se encontravam espalhados por um imenso território que compreendia todas as províncias do Império Romano.

No presente caso, como indicámos *supra*, identificámos apenas três marcas em igual número de fragmentos — duas pertencentes a oleiros itálicos, enquanto a outra diz respeito a um oleiro da Gália, mais precisamente de La Graufesenque.

Passaremos, seguidamente, à análise pormenorizada destas marcas, começando, em primeiro lugar, pelas de origem itálica, finalizando as nossas considerações com a relacionada com o oleiro ruteno.

O fragmento de fundo de prato de tipologia indeterminada com o número de inventário ASM 3/2009 possui uma marca respeitante ao oleiro *PHILOSITVS L.TITIVS* (CVA-OCK, 2000, n.º 2230).

L. TITIVS é um oleiro que teve a sua oficina localizada em Arezzo, para o qual Kenrick contabilizou 34 escravos que trabalharam durante um período compreendido entre 15 a.C. e, pelo menos, 30 d.C.

Desses escravos, apenas oito⁴ estão confirmados como tendo laborado no centro oleiro de Arezzo, enquanto, no que diz respeito aos restantes 26, as dúvidas, de variedade natureza, não permitem certezas quanto ao seu local de trabalho.

Filosito é, pois, um dos escravos de *L. Titius* cuja proveniência Kenrick não especifica, embora Daniele Malfitana o atribua a Arezzo, ao apresentar uma marca descoberta em *Selinunte*, na Sicília (Kenrick, 2004, p. 326, *Selinus* n.º 4).

A cronologia apontada no CVA-OCK para *Filositus* fica compreendida entre 10 a.C. e 10 d.C., sendo que a nossa marca está inserida numa cartela para a qual não encontramos paralelo, apesar de se poder enquadrar, de um modo genérico, no tipo rectangular de cantos redondos CVA-OCK 451.

Por sua vez, o nome do oleiro encontra-se inscrito em duas linhas, que não estão separadas por qualquer tipo de travessão, oferecendo uma leitura bastante clara do nome do oleiro, visto encontrar-se em excelente estado de conservação.

Na linha superior, podemos ler o nome do escravo, sendo relevante o facto de que o *P H I L* e o *O* estarem em nexos, deixando o *S* como separador de um novo nexos que agrupa o *I T V* e o outro *S*. Quanto à linha inferior, conseguimos identificar com idêntica facilidade o nome *L.TITI*.

Quando comparámos a marca do Alto de São Miguel com a lista de ocorrências deste oleiro presente no CVA-OCK, verificámos que em nenhum dos casos o nome *PHILOSITVS* surge completo, pelo que apenas o conhecemos por abreviaturas. Assim, tendo em conta os exemplares publicados até ao momento, concluímos que a grafia que o punção de Alcácer do Sal patenteia deverá ser inédita. É de salientar, também, o facto de não encontrarmos paralelo para este oleiro no último trabalho referente à capital da província, *Augusta Emerita*.

Jérez Linde apresenta-nos, apenas, a leitura reconstruída de um possível punção de *L. TITIVS* (2005, p. 93, Fig. 23, n.º 128), que parece ser o único encontrado/publicado até ao momento, 2005, deste oleiro para Mérida.

Uma outra marca de proveniência itálica identificada no presente conjunto encontra-se impressa no fundo interior de uma base de taça de tipo *Consp. B 4.12*, à qual foi atribuído o número ASM 1/2009. Esta marca suscitou algumas dificuldades relativamente à sua leitura e subsequente identificação do oleiro, pelo motivo de se encontrar fracturada em cerca de metade e pela particularidade de estar inscrita de uma maneira pouco legível, na sua parte final. Embora nos reste ape-

nas a parte superior de duas letras, identificámo-las com o que nos parece ser um C e um-P, encontrando-se as mesmas separadas por uma pontuação de forma circular. Poderemos, ainda, vislumbrar os restos de uma outra letra, que nos parece ser um outro P, leitura esta que nos parece viável, se levarmos em linha de conta a “derrapagem” que houve na aplicação do punção. De acordo com esta leitura, considerámos então que esta marca pode pertencer ao oleiro C.P.P, n.º 1342 do CVA-OCK, com oficina em Pisa, onde deve ter laborado entre os anos de 50 e 100 d.C.

Contudo, como foi acima referido, a pontuação utilizada na separação das letras é do tipo circular, facto este que nos levantou mais algumas dúvidas quanto à atribuição correcta desta marca a C P () PI(SANVS), visto que a pontuação mais comum, e principalmente utilizada por este oleiro, é de forma triangular. No entanto, pesou na atribuição da peça a este oleiro a particularidade de o seu nome estar inscrito numa cartela do tipo OCK 603 (*planta pedis*), tão em moda a partir do principado de Tibério, sendo, portanto, consentânea com a cronologia da base da taça onde está inserida, que pode abarcar toda a segunda metade do século I d.C.⁵

Outro aspecto que considerarmos não ser despidendo foi o facto de terem sido encontradas mais do que uma marca deste oleiro em Alcácer do Sal (Faria, 1987, p. 69, n.º 14).

Iremos terminar a nossa análise sobre os oleiros presentes no espólio obtido na Alto de São Miguel com a marca que está colocada no fundo interior de uma taça de terra *sigillata* do Sul da Gália (ASM 2/2009), que deverá pertencer ao oleiro de La Graufesenque, MVRRANVS.

A primeira dificuldade a superar foi a que se relacionou com a tipologia da própria taça, pois as dimensões reduzidas da mesma não permitiram uma classificação satisfatória, pelo facto de a base e o arranque da parede indiciarem uma taça de perfil a tender para o hemisférico.

Claro que haveria, seguramente, uma variedade de taças que se enquadrariam nestas características morfológicas, como sejam, as Ritt. 8, 14 e as Drag. 24/25 e 27.

Entretanto, a leitura da marca levantou-nos problemas acrescidos, pois tornava-se quase impossível perceber o sentido das três letras que a constituíam. Por fim, concluímos que estas, contidas numa cartela de tipo rectangular com os cantos arredondados e de dimensões reduzidas, tinham sido gravadas com um punção, que, quando aplicado, deixava a marca inscrita de forma retrógrada⁶.

A leitura que apresentamos de ^V M, em que o R, retrógrado, está mal impresso e em nexos com o V, baseia-se na única marca com esta grafia, que encontramos para *Murranus* no recente



1



2



3

Fig. 3 Marcas de oleiro: 1 e 2 – marcas itálicas; 3 – marca sudgálica de La Graufesenque (Fotografias de Guilherme Cardoso).

estudo da responsabilidade de Martine Genin (2007, p. 557, Est. 19, n.º 1289.14) sobre o complexo oleiro de La Graufesenque, no qual se insere uma marca do tipo que descrevemos como retrógrada, que, no entanto, não apresenta o nexa entre o V e o R.

Ao consultar a obra de Marinus Polak, encontramos um exemplar de Vechten que possuía uma grafia aproximada M V (Polak, 2000, pp. 276–278, Est. 15, n.º M132) aplicada numa taça que parece ser do tipo Ritt. 5, ou do tipo Drag. 27.

Verificámos, igualmente, a existência, na lista das 20 marcas estudadas, de nexos de vários tipos, que, no entanto, não são iguais à da marca que apresentamos para o Alto de São Miguel.

Com base no que afirmámos nos parágrafos anteriores, poderemos, assim, concluir ter sido a marca de Murrano aplicada numa taça do tipo Drag. 27, muito provavelmente, e ter uma cronologia que se estenderá de Tibério a Cláudio/Nero, diacronia aceite para este oleiro, que se distinguiu, principalmente, pela sua fase de produção de *terra sigillata* decorada.

2. Cerâmica de paredes finas

No acompanhamento arqueológico de emergência foram exumados 6 fragmentos de cerâmica de paredes finas, dos quais, apenas a um (ASM 36/2009) — pequena porção de bojo junto ao bordo de copo ou taça —, não nos foi possível dar, dentro das tipologias utilizadas, qualquer identificação.

Atendendo ao estado muito fragmentado das peças, tornou-se difícil a atribuição das restantes a formas bem definidas. Para ultrapassar este problema, utilizámos filiações em outros estudos já publicados sobre o tema das paredes finas, as quais nos pareceram pertinentes.

O fragmento de pequena urna (ASM 31/2009) que apresenta o perfil do bordo até ao arranque do ombro, já nos era familiar, pois, em 2003, tínhamos estudado um fragmento de forma idêntica, encontrado na vertente do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda & alii, 2003, p. 390, Fig. 1, n.º 6).

No entanto, as características da pasta (castanha muito escura/negra) e o acabamento (parede exterior de cor negra, com ausência de engobe e com brunido), são drasticamente diferentes daquele, o que nos leva a pensar ser este novo fragmento influenciado, ainda, por técnicas de acabamento de cerâmicas típicas da última Idade do Ferro.

Não obstante a ressalva apresentada foi por nós classificada como sendo pertencente à forma Mayet XXI (= Marabini XXXI), com cronologia que aponta para o principado de Augusto.

Ao termos encontrado outro paralelo para esta forma em Cosa (Marabini Moevs, 1973, p. 218, n.º 404), não deixaremos de levantar, todavia, a hipótese de poder tratar-se de uma produção belga em *terra nigra*.

Fazem também parte deste espólio, duas bases, uma de um copo e outra de taça para além dois bojões de taças carenadas, as quais passaremos a analisar.

A primeira base tem o número de inventário ASM 32/2009 e foi classificada como pertencente a um copo da forma Mayet III, tendo como paralelo um exemplar da Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 251, Fig. 6, n.º 47), embora pese o facto de o seu diâmetro ser bastante menor.

Para Cosa, Marabini (1973, p. 66 e Est. 7) apresenta, como exemplos da sua Forma VII, um conjunto de fragmentos que nos parecem bem mais semelhantes ao nosso, apesar de não conseguirmos confirmar a possibilidade da existência de um perfil perfeitamente côncavo desta base.

A cronologia que Mayet determina para a sua Forma III é, principalmente, da 2.^a metade do século I a.C., embora esta investigadora reconheça a possibilidade de uma pré-existência durante aquele século, enquanto para Marabini Moevs ela será do “end of the first quarter of the 1st century BC to the early Augustan period”.

Por sua vez, a segunda base (ASM 33/2009), apresenta um pequeno pé em bolacha de uma taça que, pelas características da pasta e da cor, parece-nos ser possível associar a duas peças que estudámos provenientes do forno 3 da *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche (Cardoso, Rodrigues & Sepúlveda, 2006, p. 272, Fig. 26, n.ºs 162 e 163)⁷.

Atendendo ao facto de não possuímos a parte superior da parede da taça e do respectivo bordo, seria arriscado atribuir uma forma dentro da classificação de Marabini ou de Mayet. Contudo, a associação aos dois exemplares de Peniche permite-nos, com reservas, enquadrá-la na forma Mayet XXXIII, não esquecendo que estas bases são comuns a outros tipos de taças.

A porção de taça hemisférica com o número de inventário ASM 34/2009 pertence às taças Marabini XXXVI, que esta investigadora americana dividiu em três grupos para o período de Augusto.

Atendendo ao facto de o nosso fragmento possuir uma canelura a meio da peça, definindo, assim a carena, será possível englobá-la no primeiro grupo (A).

A forma equivalente de Mayet tem o número XXXIII, embora nos pareça ser a forma Mayet XXVI, taça carenada com duas asas (Mayet, 1975, Est. XXVIII, n.º 215), a que mais se aproxima do perfil do fragmento do Alto de São Miguel, com o senão de nada sabermos da possibilidade da existência de asas.

Mayet considera, como cronologia desta taça biansada, o período correspondente ao principado de Tibério, baseando-se no tipo de decoração que os seus exemplares apresentam.

Como já afirmámos no caso do fragmento anterior, tivemos oportunidade de estudar, em Peniche, várias pastas de cerâmica de paredes finas, de características arenosas, que são idênticas à que analisamos e que estão também presentes noutros arqueossítios do actual território português: Tróia (Setúbal) e *villa* do Monte da Chaminé (Ferreira do Alentejo), inéditos.

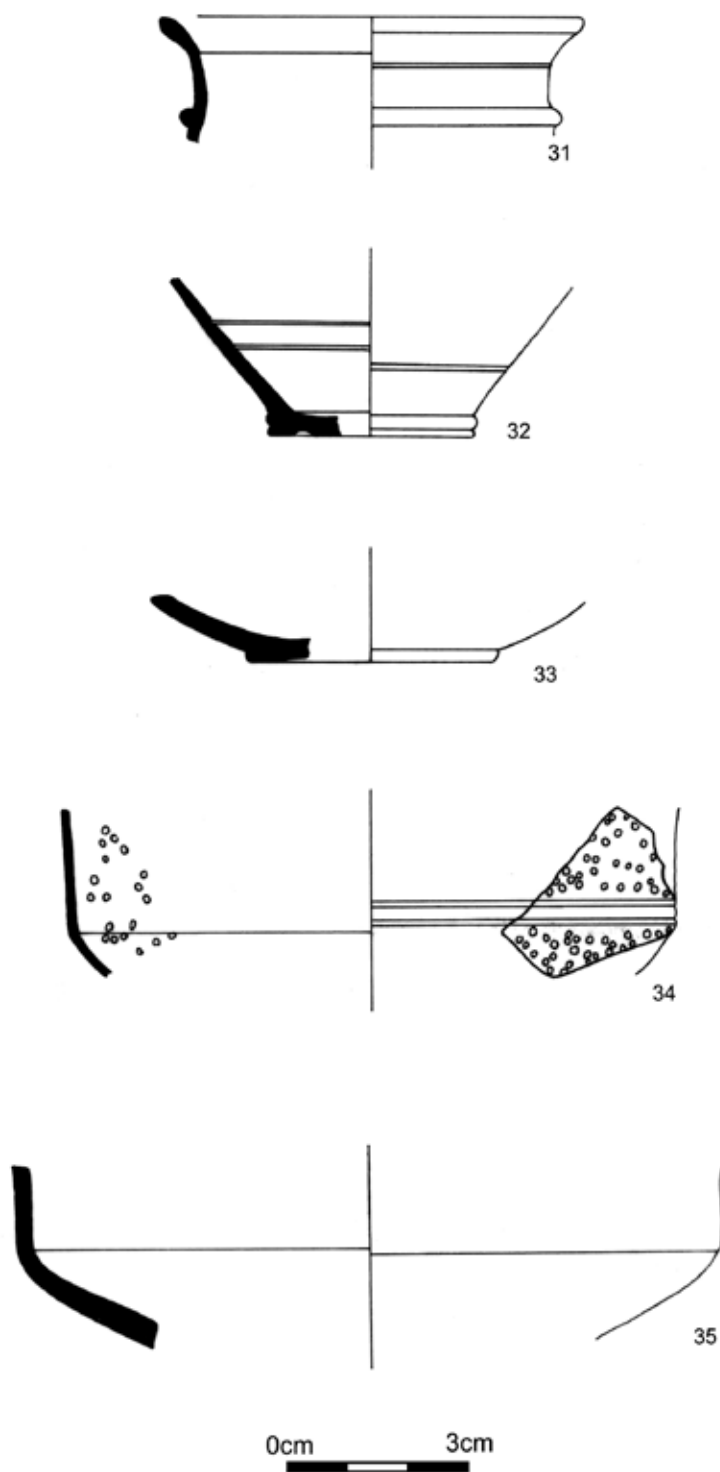
Todavia, na feitura da presente peça transparece uma grande preocupação estilística, na medida em que nos apercebemos ter existido uma escolha criteriosa nos elementos não plásticos, que nos parecem ser todos do mesmo tamanho (médio), o que produziria um efeito decorativo bem conseguido, contrariamente ao que acontece normalmente com a decoração de “granitado arenoso” de época tibério-claudiana.

Finalizaremos com o fragmento de carena de taça com bojo (ASM 35/2009), que poderá pertencer a uma série vasta de taças (Marabini XXXVI, XL, XLIV, Mayet XXVII, quiçá XXVIII).

A inexistência de engobe, o tipo de pasta (com cerne cinzento muito escuro, originado pela respectiva cozedura) e a aparente falta de decoração que o fragmento apresenta afastam-nos de qualquer filiação, especialmente a de Mayet, que tem cronologias bem mais tardias para as características que enunciámos.

Por sua vez, Marabini (1973, p. 99) viajando ao longo da profícua vida desta taça, pelo menos em Cosa, coloca o seu aparecimento em época de Augusto, aparecimento este adjectivado como “The wide diffusion of bowls of Form XXXVI”, verificando o seu total desaparecimento dos mercados no período Cláudio/Nero.

Decidimos incluir o fragmento de Alcácer do Sal nesta forma, a partir dos inúmeros exemplos apresentados para Cosa, embora sempre com um certo grau de incerteza, tendo pesado nesta escolha, também, o tipo de fabrico apresentado, assim como a cronologia da sua utilização.



Estampa V Cerâmica de paredes finas – Pequena urna: ASM 31/2009; Taças: ASM 32/2009, 33/2009, 35/2009.

Catálogo									
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média			
31/2009	Urna	Mayet XXI (=Marabini XXXI)	20	70	-	2	Compacta, fina 10YR 3/2	Augusto	Parede exterior polida
32/2009	Copo Base e bojo	Mayet III / Marabini VII	25	-	34	1,8	Compacta, fina 2.5YR 7/8 e no cerne 2.5Y 8/8	Século I a.C. incluindo Augusto	Sem engobe
33/2009	Taça Base e bojo	Mayet XXXIII (?)	11	-	40	2,5	Arenosa com enp abundantes 5YR 7/8	1.º terço do século I d.C. (?)	Sem engobe
34/2009	Taça hemisférica Bojo	Marabini XXXVI (grupo A) Mayet XXVI	3	-	-	1,5	Arenosa com enp abundantes 10R 4/8	Augusto/Tibério	Engobe de cor 2.5YR 2.5/2
35/2009	Taça carenada Bojo	Marabini XXXVI (?)	29	-	-	3	Compacta, fina 2.5Y 8/8 e no cerne 5Y 7/6	Augusto/Tibério	Sem engobe Traços de fogo
36/2009	Copo(?) Bojo	Ind.	20	-	-	1	Compacta c/ enp-quartzo 7.5YR 6/6	Século I a.C.	N/desenhada Sem engobe Traços de fogo

3. Lucernas

Na intervenção levada a cabo no Alto de São Miguel, foram encontrados seis fragmentos de lucerna, cuja classificação tipológica nos foi dificultada, devido ao facto de a maioria deles estar incompleta ou desprovida dos elementos que nos serviriam para sua identificação.

Mesmo assim, não deixámos de adiantar hipóteses quanto às tipologias em que se poderão inserir, tendo em mente as informações que delas poderemos obter, as quais ser-nos-ão imprescindíveis na aferição da existência, coerente, de uma diacronia de ocupação na Época Romana deste sítio arqueológico, quando conjugadas com os outros vários tipos cerâmicos que de igual modo apresentamos. Estes fragmentos corresponderão, apenas, a cinco indivíduos, na medida em que o fragmento de orla com voluta (ASM 74/2009), atendendo às características e cores da pasta (5Y 8/2) e do engobe (10YR 7/6), pode ser perfeitamente idêntico ao ASM 76/2009, que deverá pertencer a uma lucerna do tipo Dressel/Lamboglia 9 (= Loeschcke 1B e C = Deneauve IVA), com cronologia que vai desde Augusto até finais de Tibério, com probabilidade de serem também encontradas em contextos de Cláudio mas já “de forma residual” (Morais, 2005, p. 322), ou até inícios do século II d.C. (Rodríguez Martín, 2002, p. 23).

O fragmento de disco decorado com uma banda de bastonetes, em relevo, com uma largura aproximada de 10,5 mm, de acordo com vários paralelos apresentados por Morillo Cerdán (2003, pp. 323, n.º 20, 381, 382, n.º 22, 483, 505) para Astorga, poderá pertencer a uma lucerna de volutas, mas de tipo indeterminado. De acordo com o mesmo investigador, este tipo de decoração do disco inserir-se-á, no seu “Catálogo Iconográfico”, dentro do grupo dos “motivos vegetales” (Morillo Cerdán, 2003, p. 546, Fig. 72), classificação que achamos um pouco forçada.

Por sua vez, os restantes fragmentos pertencerão a lucernas de volutas duplas que se encontram em elevadas quantidades em sítios de romanização plena, durante todo o século I d.C., período de Augusto incluído.

Devem ser inseridas na tipologia de Loeschcke na sua variante 4 (= Deneauve VA ou VC, = Dressel/Lamboglia 11 ou 11b) (Ceci, 2005, pp. 314–320)⁸ com vivências que abrangem o espaço de tempo compreendido entre Augusto e os finais dos Júlio-Cláudios, podendo-se prolongar até finais do reinado de Domiciano.

Catálogo									
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Reserv.	Ø Base	Esp. Média			
71/2009	Bico c/voluta	Lucerna de volutas	26,5	–	–	3	C/ vacúolos, c/ enp raros 7.5YR 8/4	Augusto/finais de Domiciano	Bico redondo
72/2009	Bico c/voluta	Lucerna de volutas	21	–	–	2,6	Arenosa c/ enp abundantes 7.5YR 8/4	Augusto/finais de Domiciano	Bico redondo
73/2009	Porção de reservatório c/voluta	Lucerna de volutas	25,5	–	64	4	Arenosa c/ enp raros 5YR 7/3	Augusto/finais de Domiciano	–
74/2009	Orla c/voluta	Lucerna de volutas	15	–	–	2	Compacta c/ enp raros 5Y 8/2	Augusto/Tibério inícios do século II	Poderá pertencer ao frag. 76/2009
75/2009	Disco	Lucerna de volutas ?	–	–	–	3,8	Arenosa c/ enp raros 7.5YR 8/4	Augusto/finais do século I d.C.	Decorado Ø do disco > 62 mm
76/2009	Orla, reservatório e base	(?)	28,5	64	38	4	Compacta c/ enp raros 5Y 8/2	Augusto/Tibério inícios do século II	Perfil completo

4. Verniz vermelho pompeiano

Constam do espólio encontrado nesta intervenção/accompanhamento arqueológico, cinco fragmentos de pratos, normalmente utilizados ao lume para a confecção de alimentos e que, pelas suas características, estão englobados no tipo cerâmico denominado de engobe vermelho pompeiano.

Parece, no entanto, ter tido esta cerâmica de cozinha, outras funções, como sejam “diversas fases de produção de alimentos (...) usados no serviço de mesa” (Arruda & Viegas, 2002, p. 222), se atendermos ao caso de vários pratos não apresentarem os seus fundos com registo de escurecimento.

No caso presente, dois dos fragmentos (ASM 37 e 38/2009) mostram-nos ligeiras zonas negras, que nos levaram a pensar estarem relacionadas apenas com condições ocorridas na sua pós-deposição, enquanto os restantes três foram, sem dúvida, colocados sobre o lume.

Tanto na Alcáçova de Santarém (Arruda & Viegas, 2002, p. 225) como no teatro romano de Lisboa (Fernandes & Filipe, 2007, p. 237) ou na vertente ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda & alii, 2003 e LOCAS - II fase) se verifica esta dupla utilização, embora as percentagens variem de arqueossítio para arqueossítio.

Nenhuma forma, contudo, dentro das tipologias usualmente utilizadas (Aguarod Ota, 1991; Manasse, 1973), foi possível identificar, devido a não termos nenhum perfil completo, pois, estes fragmentos são apenas de fundos.

Devido ao seu estado fragmentado, também não nos foi possível determinar os seus diâmetros, com excepção do fragmento com o número de inventário ASM 39/2009.

As peças ASM 40 e 41/2009 levantaram-nos problemas referentes às pastas em que foram produzidas, na medida em que apresentavam características diferentes das outras três. Este facto levou-nos a pensar que poderiam pertencer ao mesmo prato, ressalva que não queremos deixar de apontar, pois tratámo-las como independentes uma da outra.

Definimos, conseqüentemente, dois tipos de pasta, atendendo à composição petrográfica das mesmas e à percentagem dos minerais constituintes, as quais foram submetidas, apenas, a uma observação mediante lupa binocular.

Ambas estão incluídas na Pasta 2 de Aguarod Ota (1991, pp. 40–41), a qual é constituída por abundantes elementos de origem vulcânica, dando-lhe, assim, uma filiação localizada numa zona oleira em torno da baía de Nápoles (Pompeia e Herculano).

- Pasta A – textura arenosa, compacta, muito dura, porosa com abundantes pontos negros de granulometria variada (piroxenas, turmalinas), cristais de quartzo (leitoso, fumado e hialino), hematites raras e ausência de micas; sendo de cor 2.5YR 6/8;
- Pasta B – textura arenosa, compacta, muito dura, porosa com piroxenas, pontos esbranquiçados (talcos ou calcário que explodiram), cristais de quartzo (leitoso, fumado e hialino), óxidos de ferro significativos (escuras e alaranjados) e ausência de micas; de cor 5YR 4/6.

Por sua vez, os engobes que apresentam são, geralmente, espessos e aplicados de uma maneira que chamaremos uniforme, para todos fragmentos, excepção feita para o ASM 40/2009 que foi revestido por um engobe aplicado em camadas e que se escama com facilidade. A sua cor é uniforme na gama do vermelho (10R 4/8), apenas com uma pequena variação para o prato ASM 37/2009.

Atendendo à indefinição das formas, optámos por lhes atribuir uma cronologia geral correspondente ao Alto Império.

Catálogo										
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Engobe	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média				
37/2009	Prato	Ind.	–	–	>280	7	A	10R 5/8	Alto-imperial	Não queimada
38/2009	Prato	Ind.	–	–	>264	8,5	A	10R 4/8	Alto-imperial	Ligeiramente queimada
39/2009	Prato	Ind.	7,5	–	210	6	A	10R 4/8	Alto-imperial	Queimada
40/2009	Prato	Ind.	–	–	–	5	B	10R 4/8	Alto-imperial	Queimada
41/2009	Prato	Ind.	–	–	–	4,3	B	10R 4/8	Alto-imperial	Queimada

5. Cerâmica comum bética

Insere-se no conjunto do espólio obtido neste acompanhamento arqueológico urbano, um grupo de cerâmicas que, devido às características das pastas que apresenta, se optou por enquadrá-lo nas chamadas cerâmicas comuns de origem bética.

Já em 1976, Jorge Alarcão e, mais tarde, em meados da década de noventa do século passado, Jeannette Nolen alertavam para a existência deste tipo cerâmico, quando efectuaram os seus estudos sobre Conímbriga e sobre Balsa.

Nos últimos anos, temos assistido a um interesse cada vez maior sobre as cerâmicas comuns de origem bética, tendo sido estudadas, quer de modo mais abrangente, por Rui Morais e Inês Vaz Pinto, para os sítios arqueológicos do Aljube, Porto (Morais & Pinto, 2007), Braga, (Prudêncio, 2000), São Cucufate (Pinto, 2003, 2004, 2006) e Castelo da Lousa (Morais & Pinto, 2007), quer em sínteses efectuadas sobre almofarizes originados na região gaditana e na região do vale do Guadalquivir⁹.

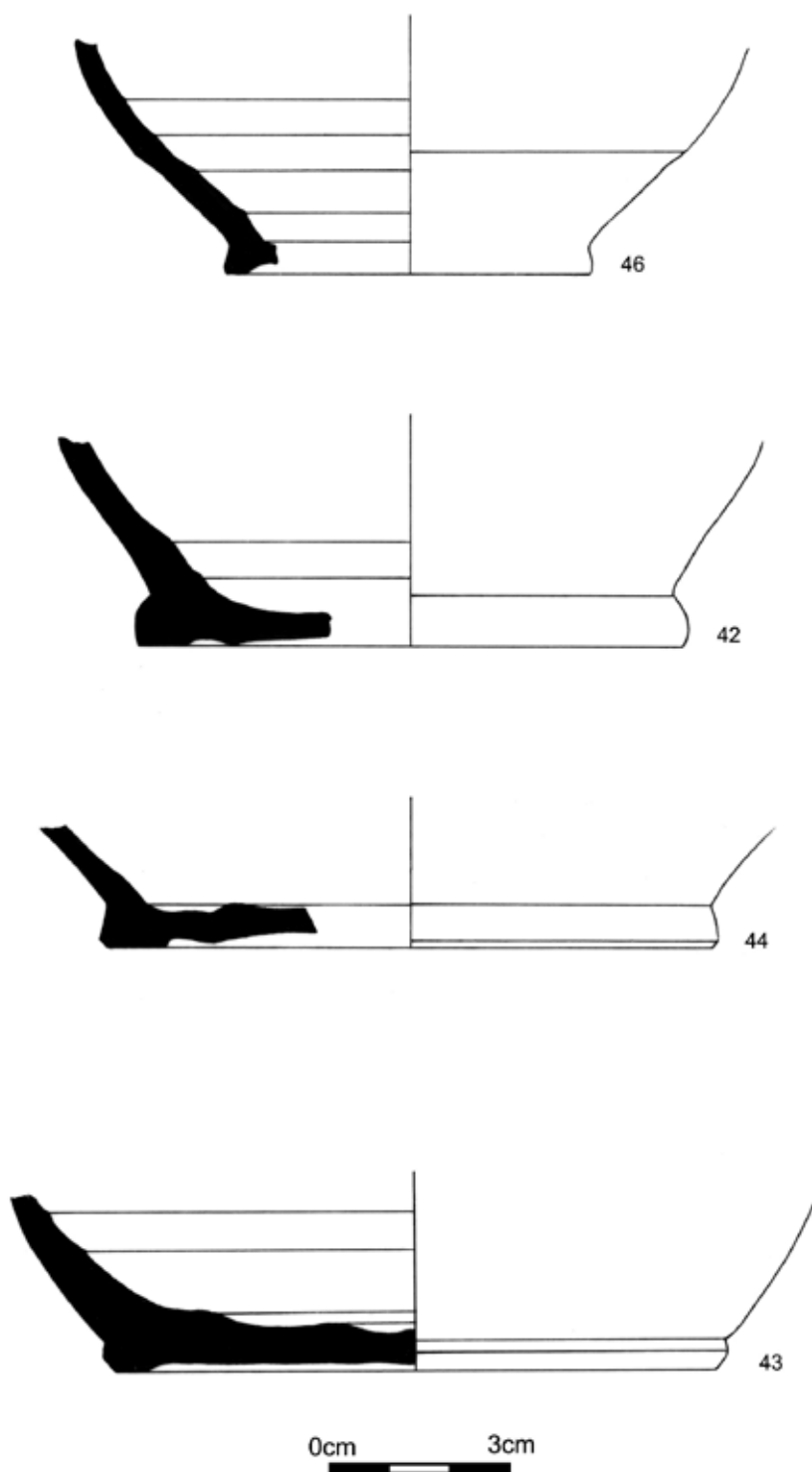
Para o Alto de São Miguel, iremos apresentar um total de 36 fragmentos deste tipo de cerâmica, dos quais, apenas 17 permitiram apurar uma forma definida e que foram agrupados em três grupos de pastas. Estas são equivalentes, na sua especificidade, às pastas 9, 10 e 12 de São Cucufate (Pinto, 2003, pp. 134–141), que renumerámos como ASM 1, ASM 2 e ASM 3.

Dos diversos complexos oleiros que fabricaram esta cerâmica, escolhemos como indicador cronológico os que nos parecem ter sido mais bem estudados e publicados até ao momento, ou seja o dos Hornos del Patio del Cardenal e, especialmente, o do Hospital de las Cinco Llagas ambos localizados na cidade de Sevilha.

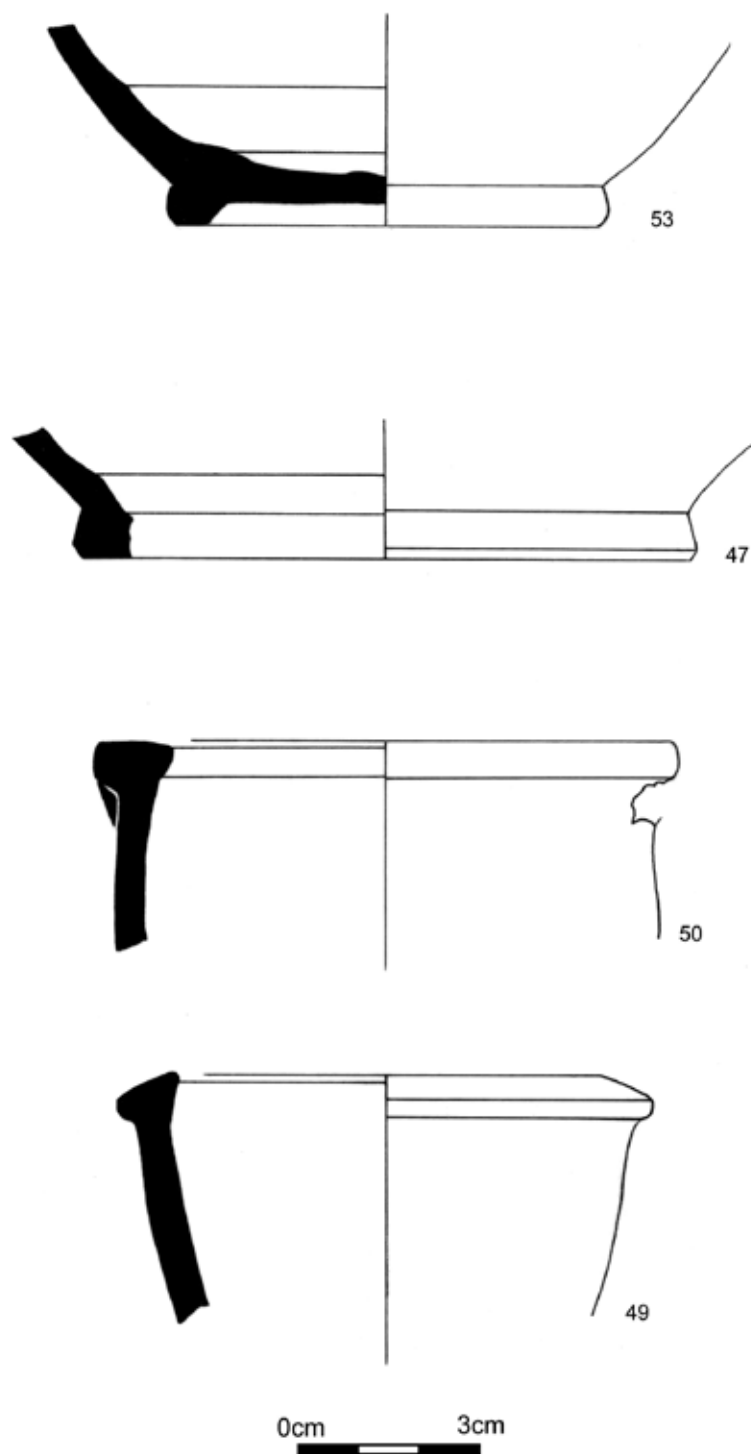
No trabalho que Chic García & García Vargas (2004, pp. 304, 305, 320, 321, 326) dedicaram às produções cerâmicas localizadas no Guadalquivir e no Genil, indicam-se, tendo como base o número de fragmentos estudados, percentagens bastante elevadas para as cerâmicas comuns do Forno 6 (Hospital) em que “puede señalarse unos 46,6% del total de fragmentos de ánforas (Fig. 26), un 42,75% de comunes (Fig. 27)”. Consideram estes autores ter este centro oleiro produzido durante toda a segunda metade do século I d.C., estendendo-se a sua actividade pelos inícios da centúria seguinte.

Atendendo às dificuldades que temos vindo a frisar da inexistência de estratos definidos e das poucas dimensões dos nossos fragmentos iremos, portanto, indicar no nosso catálogo as cronologias que obtivemos quando conjugámos as destas produções com os trabalhos que referimos no início do estudo dedicado a este tipo cerâmico.

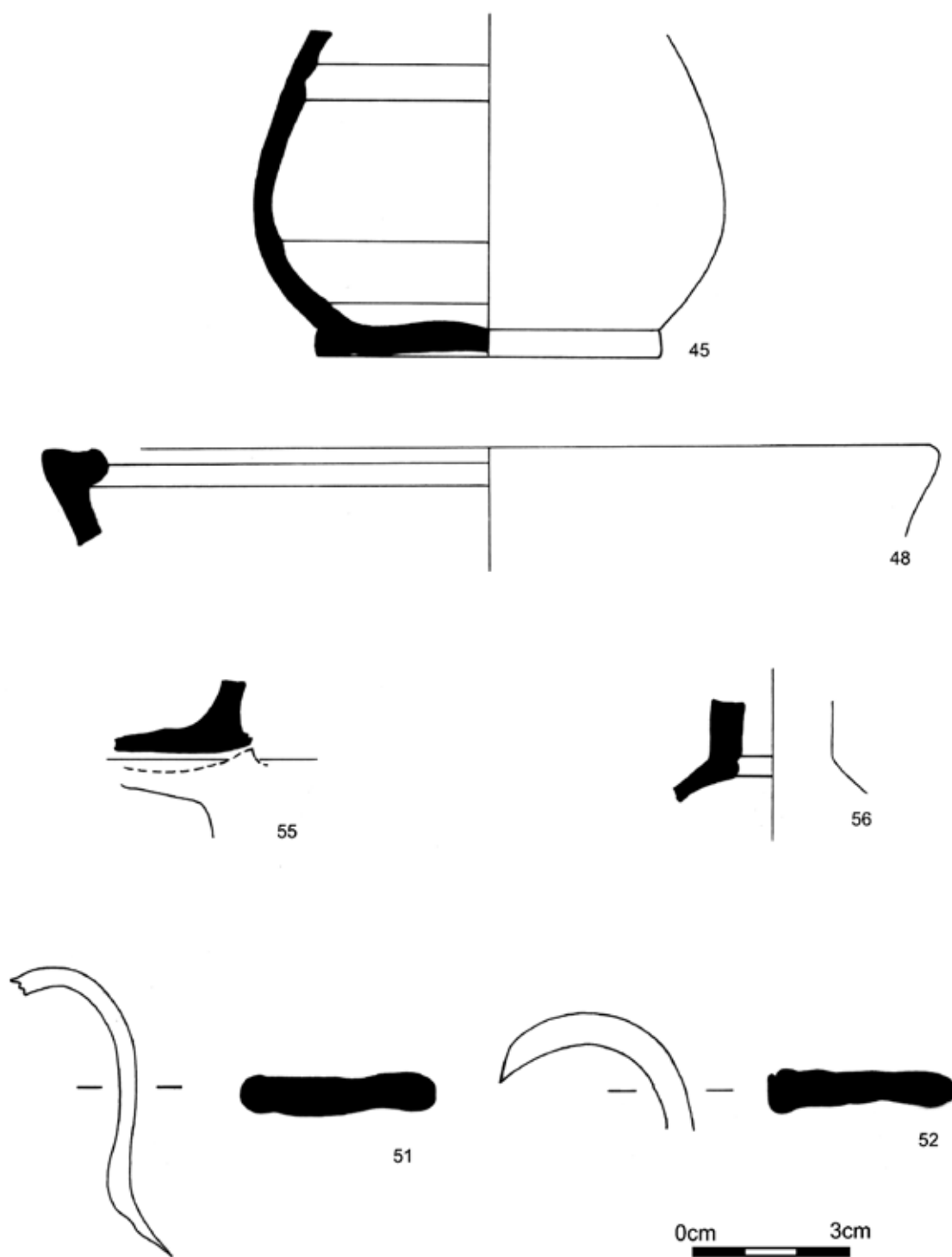
Catálogo									
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média			
42/2009	Base e bojo	Pote	35	-	90	5	ASM 3	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
43/2009	Base e bojo	Pote	29	-	100	6	ASM 3	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
44/2009	Base e bojo	Pote	20	-	100	3	ASM 3	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
45/2009	Base e bojo	Potinho	62	-	66	4	ASM 2	Augusto/ 1.ª ½ do século I a.C.	-
46/2009	Base e bojo	Potinho	39	-	60	4	ASM 1	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
47/2009	Base e bojo	Pote	20	-	100	4	ASM 1	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
48/2009	Bordo	Terrina	18	170	-	5	ASM 1	Alto-imperial	-
49/2009	Bordo	Pote	42	70	-	5,5	ASM 2	Augusto	Barrilóide (?)
50/2009	Bordo e arranque de asa	Pote	35	95	-	4,5	ASM 1	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
51/2009	Asa	Pote (?)	-	-	-	5	ASM 1	Alto-imperial	-
52/2009	Asa	Pote (?)	-	-	-	5	ASM 1	Alto-imperial	-
53/2009	Base e bojo	Pote	32	-	70	6	ASM 1	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	-
54/2009	Bojo	Pote/Urna	88	-	-	7	ASM 1	Augusto/ 1.ª ½ do século I d.C.	Ø máximo do bojo 180 mm N/desenhada
55/2009	Bico e parede	Biberão	30	-	-	6	ASM 1	Alto-imperial	Ø possível do bico 9 mm
56/2009	Colo e ombro	Bilha	20	-	-	6	ASM 2	Alto-imperial	Ø do colo 23 mm
57/2009	Colo	Bilha	30	-	-	5,6	ASM 1	Augusto/ Alto-imperial	Ø do colo 44 mm N/desenhada
58/2009	Colo	Cântaro/ Jarro (?)	40	-	-	4	ASM 2	Augusto/ Alto-imperial	Ø do colo 60 mm N/desenhada



Estampa VI Cerâmica comum bética – Potes: ASM 46/2009, 42/2009, 44/2009, 43/2009.



Estampa VII Cerâmica comum bética – Potes: ASM 53/2009, 47/2009, 50/2009, 49/2009.



Estampa VIII Cerâmica comum bética – Potinho: ASM 45/2009; Terrina: ASM 48/2009; Biberão: ASM 55/2009.

6. Cerâmica de imitação de campaniense

Os quatro fragmentos que de seguida apresentamos possuem como elemento comum identificador o mesmo tipo de pasta, que se define como sendo muito dura, com enp de granulometria muito pequena (pontos brancos que poderão ser quartzo e algumas micas do tipo moscovite), com profusão de vacúolos alongados de pequeníssima dimensão e de cor cinzenta (5Y 6/1). Todos os fragmentos apresentam, pelo interior, um engobe/verniz (?) brilhante, de má qualidade, sobre o qual nos parece ter sido aplicado um polimento. As paredes exteriores estão cobertas ainda por resquíços de um possível engobe cinzento-escuro, quase negro, mas sem brilho.

As peças, no total, constituem dois grupos diferentes, quanto à sua forma, ou seja, taças (um pé de taça pequena e uma porção de parede carenada de grande taça) e pratos, tendo ambos como particularidade comum as paredes bastante espessas (com espessuras que vão de 6 a 9 mm). Pensamos tratar-se de imitações de cerâmica campaniense fabricadas “in tutto il bacino mediterraneo occidentale dalla seconda metà del II e soprattutto nel I sec. d.C.” (Leotta, 2005, p. 73), copiando formas das produções de campaniense A, ciclo da B, e principalmente da C.

Começaremos a análise destes fragmentos pelo n.º ASM 77/2009, que pertencerá a uma taça da forma Lamboglia 2 e que se encontra em elevada profusão nos espólios de sítios arqueológicos com ocupação precoce romana situados no actual território português.

Quanto ao fragmento de carena com parede ASM 80/2009, este pertence a uma taça de grande espessura que poderemos identificar com a forma Lamboglia 33b (campaniense B-Cales?), que está presente em Tarragona, em estratos bem definidos e com cronologias de finais do século II/inícios do I a.C., prolongando-se por todo este século (Díaz García & Otiña Hermoso, 2007, pp. 104–106, 117). No entanto, não será despropositado pretender equipará-la com outro tipo de taça que é classificada dentro da campaniense C por Lamboglia como Forma 18 (= Morell 2622a 1), visto apresentar uma inclinação da parede superior bastante semelhante ao nosso exemplar. Esta comparação permite atribuir-lhe uma datação do século I a.C., talvez mais consentânea com o conjunto das outras cerâmicas em que está inserida.

Por seu lado, o fragmento de bordo com arranque de parede ASM 78/2009 inspira-se nos pratos Morel 2277 e 2282–2284 (= Lamboglia 5–7) da produção da campaniense C, a que pertencem quatro exemplares exumados na vertente do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda & alii, 2001, p. 217, Fig. 7, n.º 27 e Fig. 8, n.ºs 28–30).

Estes pratos são dos mais conhecidos da produção de verniz negro, possuindo cronologias que se podem estender, na fase de produção de imitação, pela segunda metade do século I a.C., como é o caso dos exemplares descobertos na cidade de *Iesso*, na Catalunha (Pera i Isern & Guitart i Duran, 2007, p. 177, Fig. 2, n.º G92–285–1).

Finalmente, o fragmento ASM 79/2009 levantou-nos sérios problemas, porque apresenta um diâmetro desmesuradamente grande, o que tornou a procura de paralelos bastante difícil, provocando, ao mesmo tempo, a impossibilidade de lhe atribuir uma forma (taça/prato?) dentro das tipologias que temos vindo a utilizar.

Recorremos, mais uma vez, ao artigo sobre as cerâmicas de imitação encontradas na cidade de *Iesso*, na província romana da *Hispania Citerior*, que apresenta três peças de diâmetros bastante menores e referentes a taças consideradas por Pera i Isern e Guitart i Duran como sendo passíveis de “assimilar al bol o plat fondo, (...) sota la forma Lamb. 16, tot i presentar també algunes semblances amb la forma Lamb. 8” (Pera i Isern & Guitart i Duran, 2007, p. 177, Fig. 2, G01–456–39, G94–505–6 e G93–351–2).

A sua cronologia foi estabelecida como base nos contextos tardo-republicanos (2.ª metade do século I a.C.) escavados naquela cidade, que ofereceram quantidades significativas de material semelhante.

Catálogo									
N.º de Inv. ASM	Tipo	Forma	Dimensões (em mm)				Pasta	Cronologia	Obs.
			Alt.	Ø Bordo	Ø Base	Esp. Média			
77/2009	Base	Taça	14	-	45	6	Única	90 e 40 a.C.	-
78/2009	Bordo e parede	Prato	27	270	-	6	Única	2.ª ½ do século I a.C.	-
79/2009	Bordo e parede	Prato (?) Taça (?)	28	280	-	6	Única	Tardo-republicanas	-
80/2009	Carena e parede	Taça	54	-	-	9	Única	Finais do século II a.C.	Ø da carena 150 mm

Conclusões

O estudo que efectuámos, embora baseado num espólio reduzido, mereceu-nos uma série de considerações que nos pareceram pertinentes. Iremos, pois, de um modo o mais simplificado possível, enumerá-las, pensando com elas levantar problemas que se prendem, naturalmente, com o Período Romano da história de Alcácer do Sal.

O primeiro como não podia deixar de ser, prende-se com a localização do sítio do Alto de São Miguel. Situado no alto de uma colina sobranceira ao Sado e dominando largamente as planuras que se estendem para SE, era um local que seria bem apreciado para fixação de populações, facto este que é testemunhado pelas estruturas encontradas pela equipa de arqueólogos do MAEDS no ano de 1976 nas proximidades deste sítio. Torna-se, pois, necessária a procura de estruturas que permitam a continuação do estudo relacionado com o plano urbanístico romano do lado oriental da cidade de *Salacia*.

Este conjunto deu-nos a oportunidade de, pela primeira vez, darmos notícia de produções de *terra sigillata* precoce do Tipo Peñaflor em Alcácer do Sal.

A existência de fluxos comerciais de produtos com origem nas olarias de *Celti* era já conhecida no actual território português, designadamente na cidade de *Balsa* (Viegas, 2006), no teatro romano de Lisboa (Sepúlveda & Fernandes, inédito), assim como na Casa dos Bicos, em Lisboa (inédito).

Outros espólios poderão conter fragmentos desta cerâmica, que foi classificada por muitos investigadores como de verniz vermelho tardia e de cerâmica de verniz vermelho julio-claudiano. Uma diferente interpretação destes espólios permitiria fornecer novos dados para a elaboração de uma carta de difusão para a Lusitânia portuguesa, da *sigillata* hispânica precoce, que deveria acompanhar os carregamentos de ânforas, do tipo Dr. 20, que eram produzidas nos mesmos fornos de El Cortjillo (La Viña, Peñaflor), situados na margem direita do Guadalquivir.

No que concerne ao material vítreo, é notória a falta de informação acerca deste tipo de testemunho. Parece-nos também que cada nova intervenção arqueológica não tem oferecido, nos materiais recolhidos, matéria suficiente para um estudo mais aprofundado quanto a este bem de consumo, tão importante para compreender outros padrões, para além dos cerâmicos, de trocas comerciais entre *Salacia* e o resto do mundo romano, onde o vidro era, então, fabricado¹⁰.

Outro ponto que nos levou a reflectir sobre a natureza deste espólio é o facto de possuímos cerâmicas de imitação de campaniense, mas não termos obtido peças genuínas deste tipo cerâmico. Num espólio que não chega a uma centena de peças, o leque de cerâmicas obtido é de tal

forma variado, que se torna notória esta ausência. Será que sob os alicerces das moradias que ladeiam a zona intervencionada se encontrarão estas cerâmicas? Ahamos, sinceramente, que sim. Por fim, não pudemos deixar de chamar a atenção, novamente, para a limitação cronológica da colecção. Enquanto os materiais que dizem respeito às fases tardo-republicana, augustana e a todo o século I e inícios do II se encontram presentes em abundância, os séculos seguintes, até à ocupação islâmica, não nos deixaram quaisquer testemunhos materiais de ocupação do Alto de São Miguel.

Mais uma vez ... o sítio errado, ou não!

Agradecimento

Os autores desejam agradecer aos Drs. Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues e Élvio Melim de Sousa a disponibilidade que sempre patentearam quando lhes pedimos auxílio para a prossecução deste artigo.

NOTAS

- * Arqueólogo. Associação Cultural de Cascais.
 ** Arqueóloga. Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
 *** Arqueóloga.
- ¹ A forma *Conspectus* 12 foi produzida por toda a Península Itálica e a sua datação corresponde aos Horizontes de Dangstetten-Oberaden.
² A dúvida em relação à classificação de ASM 20/2009 deve-se ao facto de apenas possuímos a zona da carena, a qual se apresenta bastante moldurada. A presença do bordo permitiria determinar com maior certeza a sua tipologia.
³ “For the Augustan and Julio-Claudian periods, (...) the continued production (...) with larger-scale imitations of *terra sigillata italica*”.
⁴ CRESTIO, CHRYSANTVS, FELIX, HILARIO, PRIMVS, ROMANVS, SVAVIS e THYRSVS.
⁵ Taças do tipo *Consp.* 22 (Augusto/Tibério); *Consp.* 23 (2.º e 3.º quartéis do séc. I d.C.); *Consp.* 24 (de meados de Augusto em diante); *Consp.* 25 (provavelmente Augusto/Tibério).
⁶ Inestimáveis sugestões do Dr. Élvio Melim de Sousa.
⁷ Aproveitamos a oportunidade para corrigir a identificação que apareceu no parágrafo onde se referem estes dois exemplares. Assim onde se lê “A peça n.º 9” dever-se-á ler “A peça n.º 162”, tal como onde se lê “a n.º 10” deverá ler-se “a n.º 163”. Pela imprecisão cometida apresentamos as nossas desculpas.
⁸ Na classificação tipológica de Dressel-Lamboglia estas lucernas têm diacronias de época júlio-claudiana, enquanto, para Deneauve, elas são típicas do período que começa com o início da Era, estendendo-se até aos meados do século I d.C.
⁹ Alarcão, 1976; Arruda & Viegas, 2004; Carvalho, 1998; Fabião, 1998; Morais, 2004; Quaresma, 1995-1997; Sepúlveda & alii, 2007.
¹⁰ Ou mesmo dentro da própria Lusitânia.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1978) - Vidros do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 155-170.
 AGUAROD OTAL, Carmen (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
 AMORES CARREDANO, Fernando J. de; KEAY, Simon (1999) - Las sigillatas de imitación tipo Peñafior o una série de hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M.ª Ángeles Mezquiriz*. Jaén: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 210-221.
 ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina (2002) - As cerâmicas de “engobe vermelho pompeiano” da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 221-238.
 ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (2003) - Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 235-286.
 BELCHIOR, Claudette (1969) - *Lucernas romanas de Conímbriga*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga.
 BONIFAY, Michel (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress.

- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de (2006) - A olaria romana do Morraçal da Ajuda - Peniche. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 253-278.
- CECI, Monica (2005) - Le lucerne. In GANDOLFI, Daniela, ed. - *La ceramica e i materiali di età romana. Classi, produzioni, commerci e consumi*. Quaderni della Scuola Interdisciplinare delle Metodologie Archeologiche. Bordighera. 2, pp. 311-324.
- CHIC GARCÍA, Genaro; GARCÍA VARGAS, Enrique (2004) - Alfares y producciones cerámicas en la Provincia de Sevilla. Balance y Perspectivas. In BERNAL, Dario; LAGÓSTENA, Lázaro - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C-VII d.C.)*. Oxford: Archaeopress, 1, pp. 279-347.
- DELGADO, Manuela (1994) - Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 10-11, pp. 113-149.
- DENEAUVE, Jean (1974) - *Lampes de Carthage*. Paris: CNRS.
- DESBAT, Armand; GENIN, Martine; LASFARGUES, Jacques (1996) - Les productions des ateliers de potiers antiques de Lyon. *Gallia*. Paris. 53, pp. 1-249.
- DIAS, Luisa Ferrer (1978) - As marcas de “terra sigillata” do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 145-154.
- DÍAZ GARCÍA, Moisés; OTIÑA HERMOSO, Pedro (2007) - Importaciones e imitaciones de vajilla de barniz negro en Tarragona en los siglos II-I a.C. In ROCA ROUMENS, Mercedes; PRINCIPAL, Jordi, eds. - *Les imitacions de vaixel·la fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC-I dC)*. Tarragona: Institut Català d’Arqueologia Clàssica, pp. 99-117.
- ETTLINGER, Elisabeth; HEDINGER, Bettina; HOFFMAN, Bettina; KENRICK, Philip M.; PUCCI, Giuseppe; ROTH-RUBI, Katrin; SCHNEIDER, Gerwulf; SCHNURBEIN, Siegmund von; WELLS, Colin Michel; ZABELICKY-SCHFFENEGGER, Susanne (1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae italico modo confectae*. Bonn: Habelt.
- FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol; DIOGO, António Manuel Dias (1987) - Marcas de terra sigillata de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. Coimbra. 26, pp. 61-76.
- FARIA, João Carlos Lázaro (1998) - Algumas notas acerca do provável *forum* de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 185-199.
- FARIA, João Carlos Lázaro (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Lisboa: Colibri.
- FERNANDES, Lídia; FILIPE, Victor (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, p. 211-235.
- GENIN, Martine, ed. (2007) - *La Graufesenque (Millau, Aveyron), II: sigillées lisses et autres productions*. Pessac: Fédération Aquitania.
- JERÉZ LINDE, José Manuel (2004) - La T.S. Hispánica precoz o ‘Tipo Peñaflo’, su incidencia en el territorio emeritense y dos marcas inéditas del M.N.A.R. de Mérida. *Asas*. Mérida. 17, pp. 161-178.
- JERÉZ LINDE, José Manuel (2005) - *La terra sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- KEAY, Simon; CREIGHTON, John; REMESAL RODRÍGUEZ, José (2000) - Celti. *Peñaflo. The archaeology of a Hispano-Roman town in Baetica*. Exeter: University of Southampton.
- LAMBOGLIA, Nino (1952) - *Per una classificazione preliminare della ceramica campana*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri.
- LÓPEZ MULLOR, Albert (1990) - *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Zaragoza: Pórtico.
- MALFITANA, Daniele (2004) - Italian sigillata imported to Sicily: the evidence of the stamps. In POBLOME, Jeroen; TALLOEN, Peter; BRULET, Raymond; WAELKENS, Marc, eds. - *Early Italian Sigillata. The chronological framework and trade patterns. Proceedings of the First International ROCT-Congress, Leuven, May 7 and 8, 1999*. Leuven: Peeters, pp. 309-336.
- CAVALIERI MANASSE, Giuliana (1973) - Ceramica a vernice rossa interna. In FROVA, Antonio, ed. - *Scavi di Luni*. Roma: L’Erma di Bretschneider, pp. 278-281.
- MARABINI MOEVS, Maria Teresa (1973) - *The Roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. Roma: American Academy in Rome.
- MARABINI MOEVS, Maria Teresa (2006) - *Cosa: the Italian sigillata*. Roma: American Academy in Rome.
- MAYET, Françoise (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: CNRS.
- MORAIS, Rui (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (2003) - Lucernas. In AMARÉ TAFALLA, María Teresa, ed. - *Astorga IV: lucernas y ánforas*. León: Universidad, pp. 16-632.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares (Balsa)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- OXÉ, Auguste; COMFORT, Howard (1968) - *Corpus Vasorum Arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. Bonn: Habelt.

- OXÉ, Auguste; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) - *Corpus Vasorum Arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. Second Edition. Bonn: Habelt.
- PERA I ISERN, Joaquim; GUITART I DURAN, Josep (2007) - La ceràmica d'imitació en el segle I aC a la ciutat romana de Iesso (Guissona). Estudi preliminar. In ROCA ROUMENS, Mercé; PRINCIPAL, Jordi, eds. - *Les imitacions de vaixel·la fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC-I dC)*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 173-186.
- PÉREZ BALLESTER, José; BARROCAL CAPARRÓS, María Carmen (2007) - Campaniense C, cerâmicas grises y engobadas de imitación en Cartagena, Mazarrón y Eivissa. In ROCA ROUMENS, Mercedes; PRINCIPAL, Jordi, eds. - *Les imitacions de vaixel·la fina importada a la Hispania Citerior (segles I aC-I dC)*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 151-172.
- PINTO, Inês Vaz; MORAIS, Rui (2007) - Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Oxford: Archaeopress, pp. 235-254.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; SOUSA, Élvio de; FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol (2001) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: "cerâmicas de verniz negro" e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, pp. 199-234.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; SOUSA, Élvio; FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol (2003) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 383-399.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; SANTOS, Patrícia A.; FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol (2007) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 225-284.
- SOARES, Joaquina (1978) - Nótula sobre cerâmica campaniense do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 133-143.
- VEGAS MINGUELL, Mercedes (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*. Barcelona: Universidad.
- VIEGAS, Catarina (2006) - *A cidade romana de Balsa. (Torre de Ares - Tavira): (1) A terra sigillata*. Lisboa: Município de Tavira.